



MEMORICÍDIO E HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL: vestígios do apagamento cultural de mulheres¹

MEMORICIDE AND THE BRAZILIAN RADIO HISTORY: evidence of women cultural erasure

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro²
Valci Regina Mousquer Zuculoto³

Resumo: Por muito tempo, o relato histórico tradicional foi elaborado a partir de uma perspectiva androcêntrica, pautada pela negação da participação feminina e pelo silêncio a respeito de pioneiras a romperem barreiras em diferentes áreas de atuação e do conhecimento. A história do rádio no Brasil reproduz essa conformação. Com o objetivo de ampliar a visibilidade dessa questão no âmbito dos estudos radiofônicos, desenvolve-se esta pesquisa, em que se elabora a aproximação desse campo específico ao cenário de memoricídio feminino descrito, no campo da literatura, por Constância Duarte (2022). Para tanto, adota-se perspectiva histórica, fundamentada no trabalho de Marialva Barbosa (2015; 2019), estabelecendo paralelos do conceito com a literatura já existente sobre a história e o desenvolvimento da radiofonia brasileira. Assim, é possível identificar a intensidade das ausências de mulheres em diferentes tempos históricos, o que ainda se observa inclusive na atualidade.

Palavras-Chave: História do rádio brasileiro. Mulheres. Memoricídio.

Abstract: For a long time, the traditional historical register was elaborate from an androcentric perspective in which female participation was denied and the silence about the pioneers in different areas of work and knowledge was common. Brazilian radio history repeats this conformation. To amplify the visibility of this subject in the radio studies scope, this research is developed considering the approximation of this specific field to the female memoricide scenario that Constância Duarte (2022) describes about the literature field. For that, the historical perspective is adopted (Barbosa, 2015; 2019) in drawing parallels between the concept and what is already written about Brazilian radio history and development. Thereby is possible to identify the intensity of the women's absence in different historical times and its permanence still nowadays.

Keywords: Brazilian radio history. Women. Memoricide.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2025.

² Raphaela Xavier de Oliveira Ferro: doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, mestra em Comunicação (UFG), raphaelaferro@gmail.com.

³ Valci Regina Mousquer Zuculoto: professora nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, doutora em Comunicação (PUCRS), valzuculoto@hotmail.com.

1. Introdução

O desenvolvimento do conhecimento científico, historicamente, parte de uma perspectiva androcêntrica, em que o homem genérico (Costa; Barroso; Sarti, 2019), branco, heterossexual, ocidental, é considerado sujeito universal (Moraes; Veiga, 2019). Essa perspectiva, por muito tempo tomada como objetiva em caráter positivista, alcança também áreas específicas do conhecimento, assim como campos profissionais. A radiofonia no Brasil, tanto quanto os seus estudos, não fogem desse recorte, muitas vezes considerado como totalidade. Em decorrência dessa realidade, é comum que, ainda hoje, figuras femininas sejam pouco conhecidas e/ou reconhecidas no relato histórico sobre o rádio e no que diz respeito ao objeto deste artigo, especificamente acerca da radiofonia brasileira.

Como afirmam Juliana Betti e Valci Zuculoto (2024, p. 210), “as mulheres participaram do desenvolvimento do rádio brasileiro desde a formação das primeiras emissoras”. Contudo, há pouca informação sobre essa presença e, conforme as autoras, “menos ainda sobre as contribuições femininas para a popularização ou para os processos de inovação que possibilitaram a constante renovação da relevância política e social do meio” (Betti; Zuculoto, 2024, p. 210). Por isso, em consonância com a proposição de pesquisa por elas apresentada, desenvolve-se este trabalho. Busca-se compreender a pretensa universalidade do relato histórico, ainda amparada na hegemonia masculina (Betti; Zuculoto, 2024), a partir do conceito de memoricídio feminino apresentado por Constância Duarte (2022) em relação à literatura.

A pesquisadora nomeia de memoricídio a supressão das memórias de mulheres, e sobre elas, no universo literário (Duarte, 2022). O conceito, de acordo com a autora, remete ao assassinato da memória e apagamento cultural. Fernando Báez (2010), de quem Constância Duarte (2022) empresta o termo, explica que se trata de um fenômeno de eliminação da memória por meio do apagamento de recordações compartilhadas e da criação de uma cultura em que o hegemônico se estabeleça como tal, como marco de pensamento e ação cultural mantendo o estrato anterior sujeito a ele. “No caso das mulheres, *memoricídio* pode também designar o processo de opressão e negação da sua participação ao longo da história, pois, ao eliminar a memória de luta e resistência ao patriarcado, a História impôs o silêncio e a invisibilidade às pioneiras” (Duarte, 2022, p. 18).

Conforme Báez (2010, p. 297), “qualquer decisão sobre o que se deve recordar é uma forma dominada de saber o que se deve esquecer”. Assim, o que se registrou sobre as mulheres na história nacional foi a “timidez doentia”, como descreve Duarte (2022, p. 17), enquanto

foram ignoradas as que se diferenciam desse perfil, a ponto de ser difícil encontrar vestígios sobre elas. “Aquelas que ousaram exibir o brilho de seu intelecto e romperam os limites impostos pelo poder patriarcal, publicando livros e fundando jornais, tornaram-se depois ilustres desconhecidas porque foram sistematicamente alijadas da memória e do arquivo oficial” (Duarte, 2022, p. 16). O mesmo ocorreu com as que participaram da constituição do rádio, pois, muitas vezes, estão ausentes do que se escreveu sobre a história do meio, como se percebe na bibliografia de referência.

2. Relato histórico sobre a radiofonia

O memoricídio feminino evidenciado em como se conta a história, em geral, também se manifesta na especificidade. A partir da perspectiva da história das mulheres, busca-se aqui analisar como essa realidade está refletida no relato da construção histórica do rádio no mundo e, principalmente, no Brasil. Antes, é preciso compreender o androcentrismo presente na constituição do meio. James Clerk Maxwell, Heinrich Rudolf Hertz, Guglielmo Marconi, Padre Roberto Landell de Moura, Nikola Tesla, Georg Graf von Arco, Reginald Fessenden são nomes de cientistas e inventores que estiveram vinculados de alguma forma ao advento da radiofonia entre o último terço do século 19 e o início do século 20 (Schwoch, 1985; Tavares, 1999; Moreira, 2000; Ferraretto, 2018; Zuculoto; Bufarah Júnior, 2024). Não há registros da participação feminina nesse primeiro momento do rádio, até por se tratar de um período histórico em que, em geral, no Ocidente, as mulheres ainda estavam mais restritas ao âmbito privado e doméstico (Perrot, 1995).

Destaca-se, também, o caráter militar do início do que seria posteriormente identificado como rádio (Ferraretto, 2018). De acordo com Robert Finney (2004), por exemplo, o governo estadunidense, em 1917, ao entrar na Primeira Guerra Mundial oficialmente, determinou que a marinha de seu país assumisse o controle das estações da *American Marconi Company*, que então tinha o monopólio da comunicação sem fio marítima, e também das alemãs. “A marinha as operou até o final da guerra, em 1918” (Finney, 2004, p. 1163). Apesar de distantes desse ambiente militar, o qual tem a exclusão por gênero intrínseca à sua origem (Janowitz, 1964)⁴, e dos relatos sobre as invenções pioneiras, as mulheres estiveram envolvidas

⁴ Segundo Morris Janowitz (1964), tradicionalmente, a profissão militar se baseia na solidariedade referente a uma fraternidade exclusivamente masculina.

no percurso do rádio desde o início, como afirma Michele Hilmes (2004). “A sua quase exclusão da maioria das histórias tradicionais do meio de comunicação, junto com características específicas das formas como o rádio nos EUA tem lidado com a presença e as contribuições das mulheres, reforçam a necessidade de considerações adicionais” (Hilmes, 2004, p. 1550).

É comum que a ausência na história não seja necessariamente inexistência naquele período. Hilmes (2004) enumera nomes de pelo menos seis mulheres com atuação relevante no período inicial do rádio estadunidense, entre 1915 e meados da década de 1920. É possível que tenham existido muitas mais. Donna Halper (2001) destaca o pioneirismo de Eunice Randall nos Estados Unidos, a única mulher contratada pela *American Radio and Research Company* (AMRAD), em 1918. “Ela começou fazendo desenhos técnicos para os engenheiros, mas isso logo mudou porque a AMRAD também operava a estação de rádio 1XE” (Halper, 2001, p. 3). Eunice Randall aprendeu a construir o equipamento de rádio amador e, em algumas ocasiões, assumia o comando do microfone (Halper, 2001). Ainda assim, era uma exceção de uma realidade social intencional.

Dado que o rádio amador requisitava conhecimento sólido de matemática e de princípios da engenharia, assim como algum talento em carpintaria, não surpreende que a maioria dos primeiros operadores de rádio tenha sido de homens, considerando que esses assuntos não eram comumente ensinados às mulheres. Para muitos homens, era exatamente assim que tinha que ser. [...] Treinamento científico avançado, que era quase exclusivamente reservado a homens brancos, dava status a quem o possuía; poucas mulheres (e ainda menos entre minorias) foram encorajadas a fazer qualquer curso avançado de ciências na escola. A proliferação de clubes de rádio amador no contraturno da escola também tendia a ser predominantemente branca e masculina. E, nas páginas de revistas de ciência e lazer, garotos eram convidados a se juntarem à aventura dos eletrônicos. Anúncios enfatizavam os benefícios de aprender a nova tecnologia; garotas, se retratadas em alguma situação, normalmente eram mostradas observando com admiração enquanto irmão e pai construíam algo juntos (Halper, 2001, p. 11).

Para a autora, por mais que os papéis de gênero não tivessem se transformado tanto até então, a chegada da nova tecnologia do rádio contribuiu para que os homens recuperassem espaços que as mulheres começavam, gradualmente, a tensionar. “É certamente verdade que as figuras femininas compuseram apenas um número pequeno de participantes no rádio amador durante as primeiras duas décadas do século 20” (Halper, 2001, p. 11). Em âmbito internacional ou nacional, as primeiras experiências, transmissões e também a criação das emissoras pioneiras são registradas destacando sempre o protagonismo masculino. São lembrados

homens como Frank Conrad, que originou a implantação da KDKA nos Estados Unidos, em 1920 (Tavares, 1999) – a primeira emissora de rádio e referência oficial do nascimento da indústria de radiodifusão⁵ (Ferraretto, 2001).

No Brasil, são indicados como pioneiros nomes como Augusto Joaquim Pereira, fundador do *Radio Club*⁶ de Pernambuco, em Recife, em 1919 (Câmara, 1994), e José Cardoso Aires, que financiou seu aprimoramento (Ferraretto, 2010), e Edgard Roquette-Pinto, que fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923 (Moreira, 2000). “Nestas duas iniciativas pioneiras, o associativismo é marcado por dose expressiva de idealismo elitista misturado com curiosidade e deslumbramento técnico, noções que se dirigem a uma espécie de utopia de civilização” (Ferraretto, 2010, p. 93). Na verdade, o desenvolvimento do rádio no Brasil reprisa o que ocorre paralelamente nos EUA, conforme afirma Ferraretto (2014).

Do final dos anos 1910 até a segunda metade da década de 1920, o rádio vai, gradativamente, no Brasil, constituir-se como meio de comunicação específico. Reprisando no país o ocorrido em paralelo nos Estados Unidos, trata-se, em realidade, de uma alteração no uso da tecnologia envolvida e, efetivamente, na ideia do que seja rádio: o antes pensado para interligar, sem fios, dois pontos, ambos enviando e recebendo mensagens, passa a ser empregado para o tráfego de informações, por ondas eletromagnéticas, de uma estação emissora para ouvintes distribuídos nos mais diversos locais. Como na América do Norte, este processo ocorre dentro da pequena parcela da elite com condições socioeconômicas para ter acesso a equipamentos então muito caros e compreender as potencialidades do rádio, o que, no caso brasileiro, reveste-se de boa dose de idealismo, por um viés educativo-cultural associado, no imaginário, a noções de moderno e de progresso (Ferraretto, 2014, p. 11).

No Brasil, inclusive, James Schwoch (1985), Edward Riedinger (2004) e o próprio Ferraretto (2018) indicam que questões relativas à guerra também influenciaram na fase pioneira do rádio nacional. De acordo com Riedinger (2004), o Brasil chegou a proibir legalmente a propriedade de equipamentos radiofônicos em decorrência de restrições remanescentes da Primeira Guerra Mundial. Essa limitação só foi se afrouxando (Riedinger, 2004) após a transmissão pública realizada durante a exposição internacional de comemoração ao centenário da Independência do Brasil, em 1922, no Rio de Janeiro, então a capital do país.

⁵ Luiz Ferraretto (2001) ressalta que a rádio KQW, de San José (Califórnia), “reivindica o pioneirismo nos EUA, tendo começado suas transmissões regulares em 1912. A KDKA seria, no entanto, a primeira a obter uma licença comercial para funcionar, transmitindo constantemente a partir de então” (Ferraretto, 2001, p. 89).

⁶ Segundo Pedro Serico Vaz Filho (2020), o nome Radio Club de Pernambuco, em expressão masculina e grafada sob a ortografia da época da origem da emissora, em 6 de abril de 1919, sem acento na palavra “rádio” e sem o “e” em “clube, foi utilizado por pelo menos 20 anos. Depois, por volta de 1940, houve a mudança ortográfica, tornando-se Rádio Clube de Pernambuco – nome que será utilizado nas próximas referências à estação radiofônica.

Esta era considerada a primeira transmissão radiofônica do Brasil até ser evidenciado o pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco⁷, fundada em abril de 1919.

Renato Câmara (1994) detalha os caminhos que o grupo de pioneiros que a fundou percorreu, desde sua inauguração, quando a prática do rádio amador era legalmente proibida no Brasil, até a sua reorganização em 1923 e daí para frente. São citados cerca de 30 homens que seriam fundadores ou teriam sido ligados à emissora desde seus primórdios até o fim da década de 1930 (Câmara, 1994). As mulheres não aparecem na história que se conta sobre anos iniciais dessa iniciativa pioneira do rádio brasileiro. Nesse sentido, é importante relevar que, conforme Constância Duarte (2022, p. 18), “até as últimas décadas do século XIX, e mesmo nas primeiras do XX, ainda causava espanto uma mulher manifestar o desejo de ter independência financeira, querer votar, fazer um curso superior”, sendo a liberdade elemento muito restrito em suas vivências e sua experiência ainda muito pautada no âmbito doméstico.

Alguns nomes podem ser encontrados em recortes de jornais da época, mas já a partir do final da década de 1920. A edição 721 do jornal Diário da Manhã, de Pernambuco, do dia 21 de julho de 1929, por exemplo, registra que Dulce Vaz Siqueira, esposa de Renato Silveira, cantou trechos clássicos de canções nacionais e tocou um solo ao piano em transmissão do dia anterior na Rádio Clube de Pernambuco – na ocasião da posse de João Pereira de Lyra como presidente da sociedade (Radio..., 1929). Na edição 124 do Jornal Pequeno (PE), de 2 de junho de 1931, há a indicação de que a irradiação do dia seguinte contaria, entre outras atrações, com Ceição de Barros Barretto, identificada como “a vitoriosa virtuose do violino”, além de “a talentosa declamadora Maria de Lourdes de Souza Leão” e “da sra. Irene Baptista de Oliveira, e da graciosa menina Vera Braga” (Radio..., 1931, p. 1). Irene cantaria três músicas e Vera declamaria dois textos de autores homens, de acordo com o programa publicado no periódico, em que consta também o nome de Maria Arthur Orlando Paes Barretto, como pianista. A

⁷ A transmissão do discurso do então presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, nas comemorações do Centenário da Independência no Rio de Janeiro, em 1922, foi por muito tempo considerada a primeira emissão radiofônica oficial do Brasil (Zuculoto, 2012). Também se demarca historicamente, como oficial, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, de Roquette-Pinto, como a primeira estação radiofônica a entrar no ar no Brasil e na atualidade, ainda costuma ser referenciada como tal com base na história tradicional (Zuculoto; Bufarah, 2024). Entretanto, em 2019, a Rádio Clube de Pernambuco foi referendada como emissora pioneira no país, por pesquisadores e pesquisadoras reunidos no 12º Encontro Nacional de História da Mídia, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Alcar) em Natal, no Rio Grande do Norte. A chancela está na Carta de Natal (Alcar, 2019). Também há referendo para o Padre Landell de Moura como inventor do rádio (Zuculoto; Bufarah, 2024). Em 2024, a Alcar lançou a Carta de São Paulo, que avalia “os 125 anos da primeira transmissão de voz sem fio no mundo, realizada pelo Padre Roberto Landell de Moura em 16 de julho de 1899, na cidade de São Paulo” (Alcar, 2024).

transmissão seria dedicada ao jornal⁸.

Os recortes indicam a possibilidade, na Rádio Clube de Pernambuco, da adoção de uma prática que Tereza Tesser (2009) relata ser comum na década de 1920 na radiofonia do Rio de Janeiro e São Paulo. “Nos anos vinte, a programação era voltada para a elite e os diretores das emissoras contavam com colaboração das escolas de música e canto, que levavam suas alunas para atuar nos estúdios de Rádio” (Tesser, 2009, p. 60). A autora destaca, em São Paulo, o nome da professora de piano Maria Eugênia de Mello, que levava suas estudantes para apresentações. A prática também é descrita como comum nas emissoras pioneiras dos Estados Unidos, por Donna Halper (2001). “Donos de emissoras que selecionavam mulheres para a direção de programação nos primeiros anos da década de 1920 as escolhiam porque as mulheres das classes média e alta daquele tempo eram frequentemente associadas a escolas de música e conheciam músicos/musicistas” (Halper, 2001, p. 17).

Nesta fase, havia mulheres coordenando a programação, fazendo a locução, apresentando-se artisticamente, atuando na área técnica e pelo menos uma emissora tinha uma proprietária, em parceria com seu marido – Marie e Robert Zimmerman construíram e mantiveram, entre 1922 e 1923, a WIAE, em Iowa (Halper, 2001). A resistência à presença feminina e os debates sobre uma definição de papéis e lugares específicos para a mulher no rádio, nos Estados Unidos, se constrói posteriormente, de acordo com Halper (2001). Em um primeiro momento, a relação com as escolas de música abriu as portas da atividade no rádio, em geral não remunerada, para as mulheres. “No começo da programação radiofônica no País, a imprensa dedicava espaço para as artistas que se apresentavam neste novo veículo” (Tesser, 2009, p. 60). Esta autora destaca que, no Brasil, em primeiro momento, também não havia preconceito com artistas que se apresentavam no rádio, o que ocorreu após a popularização do veículo. Mas em relação a outras funções, os registros sobre mulheres são bem mais escassos.

Sem referências específicas e detalhadas sobre a atuação de mulheres no primeiro momento do rádio em Pernambuco, onde foram realizadas as primeiras irradiações no Brasil, o pioneirismo feminino hoje está fixado no Rio de Janeiro. Filha de Edgard Roquette-Pinto, principal articulador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (Ferraretto, 2014), Maria Beatriz Roquette-Pinto é apontada como primeira mulher a atuar como locutora no rádio brasileiro

⁸ As edições dos dois jornais citados foram encontradas no portal da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, a partir de busca simples pelos termos “Rádio Clube”, para exemplificação. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hereroteca-digital/>. Acesso em: 9 jan. 2024.

(Tavares, 1999), desde o início das primeiras transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923. Mas sabe-se pouco sobre como teria sido essa participação, conforme explica Juliana Betti (2021). Segundo a autora, ela teria iniciado as atividades como radialista com 12 anos, atuou também como diretora da emissora e na produção de programas infantis – inclusive com equipe majoritariamente feminina (Betti, 2021). A ausência no relato histórico tradicional limita as informações a que se tem acesso sobre mulheres pioneras no rádio, como foi o caso, no Brasil, de Maria Beatriz Roquette-Pinto.

A indicação de mulheres que figuram na história do rádio começa a aparecer, mesmo que ainda de forma tímida e com poucos detalhes sobre atuação e contribuições, a partir do que se conta de 1930 em diante. De acordo com Reynaldo Tavares (1999), Zenaide Andrea foi a primeira locutora (à época, *speaker*) em São Paulo, onde atuava na Rádio Record no início daquela década. Na mesma época, também são citadas Natália Peres, que usava o pseudônimo de Elizabeth Darcy como locutora, na mesma Record, e Maria de Lourdes Souza Andrade, que exerceu a função na Rádio Cruzeiro do Sul, após vencer concurso da emissora paulista, que procurava “uma voz feminina que desse um colorido às suas transmissões”, em 1932 (Tavares, 1999, p. 108).

“Madame Ivone de Alencar” é indicada por Câmara (1994, p. 31) como um dos nomes ilustres do corpo de redação da Rádio Clube de Pernambuco, também fazendo referência a 1932. Em 29 de maio daquele ano, há registros de que a mesma emissora teve programação para a celebração do aniversário de um ano da criação da Cruzada Feminista Brasileira em Pernambuco, conforme descreve Alcileide Nascimento (2018). “Nessa ocasião festiva, Martha de Hollanda, como líder do movimento, faz uma longa palestra dirigida aos/as poucos/as ouvintes da Rádio Clube de Pernambuco” (Nascimento, 2018, p. 10). A escritora teria tido oportunidade de assumir o microfone na rádio pelo menos em mais duas ocasiões.

Segundo o Jornal Pequeno, Martha de Hollanda foi à Rádio Clube em três momentos. No primeiro, a jovem escritora fala em tom nacionalista, convocando as mulheres a lutarem por seu direito ao voto e em favor do bem-estar do País. No segundo momento, de forma extremamente poética, a pernambucana mais uma vez apela para os sentimentos das mulheres, mas, agora, em prol da arrecadação de mantimentos para as viúvas dos mortos no conflito de Campo Grande, provavelmente fruto dos levantes civis oriundos da Revolução de 1930. Por fim, no período de comemoração do aniversário de 1 ano da Cruzada, a feminista vai à Rádio Clube de Pernambuco reafirmar as concepções e as demandas da associação (Silva; Nascimento, 2016, p. 131-132).

Gilvânia Silva e Alcileide Nascimento (2016) analisam que, quando Martha de

Hollanda vai até a Rádio Clube de Pernambuco, o poder de audiência da emissora já era significativo, mesmo o meio ainda tendo caráter elitista em decorrência do custo alto dos equipamentos utilizados. Como considera Juliana Betti (2021), foi também em 1932 que a publicidade no rádio foi autorizada e regulamentada por decreto de lei, o que ampliou a profissionalização e as possibilidades da radiofonia comercial no País. Segundo Sonia Virgínia Moreira (2000, p. 28), “nessa mesma época, o Brasil adotava o modelo de radiodifusão norte-americano e passava a distribuir concessões de canais a particulares, fato que ajudava a reforçar a exploração comercial do veículo”. Tereza Tesser (2009) avalia que o rádio começa a viver seu período de consolidação a partir da segunda metade da década de 1930, com o crescimento do número de emissoras. Mais mulheres foram conseguindo espaços no rádio em todo o Brasil, ou passaram a ter seus nomes um pouco mais reconhecidos e identificados, apesar de ainda em muito menor número do que os homens.

A presença mais referenciada é a das mulheres cantoras, como Carmen Miranda, por exemplo, que, em 1929, no Rio de Janeiro, atuava nas Rádios Sociedade e Educadora. Ela foi a primeira cantora a assinar contrato com uma emissora, a Mayrink Veiga (Tesser, 2009) – as artistas até então recebiam apenas cachê por apresentação. O destaque para a música é reforçado a partir de 1935, com a presença física de público. Segundo Gisela Ortriwano (1985), naquele ano, a Rádio Kosmos, de São Paulo, criou o primeiro auditório. É quando tem início a segunda fase da história do rádio brasileiro, de acordo com Valci Zuculoto (2012), que ficou conhecida como a Era de Ouro. Nesse período, há o registro do protagonismo de mulheres artistas que se apresentavam no rádio, como cantoras ou radioatrizes.

Em 1937, na primeira edição desse tipo de concurso, Linda Baptista (pseudônimo de Florinda de Oliveira) foi eleita “Rainha do Rádio Brasileiro”. Em 1948, a irmã dela, Dircinha Baptista (Dirce Oliveira), se tornou a segunda rainha em concurso que passou a ser realizado pela Associação Brasileira de Rádio (ABR) de forma bianual até o final da década de 1950, com disputas acirradas (Tavares, 1999). Pedro de Souza (2009) analisa que, mesmo distante do que o autor chama de libelo feminista, de modo singular, o silêncio feminino se fazia escutar pela voz das cantoras de rádio. “Muitas mulheres, na era das cantoras do rádio, estão impossibilitadas de falar. Neste âmbito é que emerge a cantora do rádio como a que dá testemunho das que, em nome do decoro feminino, devem permanecer caladas” (Souza, 2009, p. 141).

Normalmente menos enaltecidas, Juliana Betti (2021) também considera a

participação intensa de mulheres em outras áreas nos estúdios radiofônicos nessa época, principalmente na redação e apresentação de programas voltados para o público feminino, com foco em questões domésticas e consultórios sentimentais. “Embora até os anos 1960 a inserção das mulheres no mercado de trabalho ainda fosse pequena e, como outros, o rádio fosse um ambiente majoritariamente masculino, encontramos muitas mulheres atuando diante do microfone” (Betti, 2021, p. 78). Esses programas de características ditas femininas tiveram origem em modelos anteriores desenvolvidos nos Estados Unidos. De acordo com Michele Hilmes (2004), a percepção de que a audiência diurna do rádio, nos anos 1930, era 70% feminina (à noite, esse número de ouvintes caía para entre 55% a 60% de mulheres) levou à uma separação da programação por gênero.

Durante o dia, eram transmitidos programas com mulheres, produzidos por elas e vendendo produtos para elas; enquanto, à noite, a programação era voltada para um público imaginado masculino e priorizava grandes nomes e grandes investimentos, impondo barreiras à participação feminina nessas produções (Hilmes, 2004). A chegada da televisão, no início da década de 1950, reorientou o rádio para características mais locais e musicais, tanto em território estadunidense (Hilmes, 2004) quanto no Brasil (Zuculoto, 2012). Nos Estados Unidos, Hilmes (2004) afirma que algumas mulheres assumiram a função central de *disc jockeys* e até o início dos anos 1960 ainda havia alguns programas diurnos e *talk shows*, mas poucas delas aparecem no registro histórico sobre o meio.

No Brasil, Gisela Ortriwano (1985, p. 21) afirma que o advento da televisão reduziu o rádio, inicialmente, à “fase do vitrolão: muita música e poucos programas produzidos”. A partir da década de 1950, avalia Luiz Ferraretto (2001, p. 41), o meio radiofônico começa a estruturar um novo caminho: “baseado no jornalismo, no esporte e no serviço à população, consolidando-se nos anos 60 e 70”. Ortriwano (1985) destaca que o radiojornalismo ganhou grande impulso no processo de adaptação do rádio pós-televisão. Aos poucos, como afirma Zuculoto (2012), os noticiários radiofônicos foram deixando de ter as agências de notícias e os jornais como referência principal na busca de informações. “Nesta fase da história do rádio, os repórteres passaram a ser essenciais para a produção da notícia de rádio, já que as emissoras começaram a investir nas reportagens, inclusive nas produções chamadas de “externas”, conforme jargão dos profissionais desta mídia” (Zuculoto, 2012, p. 109). Nesse setor, à época e por muito tempo, destaca-se a inexistência de mulheres atuando nos microfones em programas jornalísticos. Trata-se de um cenário que ainda hoje se reflete no radiojornalismo

brasileiro (Ferro; Gomes; Zuculoto, 2024).

3. Sem voz no radiojornalismo

A informação sempre esteve presente no rádio. Em geral, como afirma Ortriwano (2002), as emissoras foram inauguradas ou transmitindo algum evento ou informando sobre sua existência. Ou, ainda, com a leitura de notícias. Reynaldo Tavares (1999) escreve que, no início da década de 1920, a iniciativa que depois originou a primeira emissora dos Estados Unidos – a KDKA – já envolvia a reprodução de matérias de jornais impressos. De acordo com Flávia Bespalhok (2006), a KDKA, inclusive, iniciou suas transmissões com o relato do resultado da eleição presidencial estadunidense em 2 de novembro de 1920. No Brasil, a Rádio Sociedade, por volta de 1925, de acordo com Maria Elvira Federico (1982), também já tinha programação que se assemelha ao que hoje identificamos como radiojornalismo.

A autora considera que além do Jornal da Manhã, em que Edgard Roquette-Pinto comentava as notícias, “dando um cunho de jornalismo interpretativo, pois se reportava ao evento comentando historicamente, fazia um apanhado geral da situação da época e preconizava sobre as tendências dos acontecimentos”, a emissora também emitia o Jornal da Tarde e o Jornal da Noite, com “suplementos musicais, páginas literárias, agronomia, esportes, seção feminina, doméstica e infantil” (Federico, 1982, p. 38). Aos poucos, o jornalismo vai sendo inserido no meio, dividindo tempo com o entretenimento e com o esporte, e o rádio se estabelecendo como agente político e ideológico, como na transmissão de informações sobre a Revolução Constitucionalista, em 1932, por exemplo (Zuculoto *et al.*, 2022). Segundo Ortriwano (2002), nesse período, surge o radiojornalismo em São Paulo, mas com forte parcialidade editorial.

Experiências de diversos formatos jornalísticos estiveram presentes nas emissoras paulistas desde o início, mas era a primeira vez que o rádio era utilizado no Brasil como instrumento de mobilização popular. César Ladeira, que ficou conhecido como o “Locutor da Revolução”, conclamava o povo pela Rádio Record a pegar em armas por uma Carta Constitucional. Na verdade, hoje se sabe que vários locutores se revezavam na apresentação, procurando manter um padrão que confundia o ouvinte e deixava a impressão de que Ladeira estava permanentemente em ação (Ortriwano, 2002, p. 70).

César Ladeira revezava com Nicolau Tuma, Renato Macedo e Licínio Neves (entre outros homens) nos microfones da Rádio Record de São Paulo, que se transformou em “A Voz

da Revolução” (Ortriwano, 2002; Tavares, 1999). Nessas vozes, eram transmitidas crônicas escritas por Guilherme de Almeida, Antonio Alcântara Machado, Genolino Amado, Orígenes Lessa e Mário de Andrade (sob o pseudônimo de Luís Pinho), além de Rubem Braga, um pouco mais tarde (Tavares, 1999; Ortriwano, 2002). Não há indicação da presença de mulheres envolvidas nas atividades da emissora na difusão de informações a respeito do movimento revolucionário, ou mesmo em outras iniciativas precursoras do radiojornalismo à época, como a inauguração da Rádio Jornal do Brasil em 1935, que também tinha programas fundamentados na informação (Ortriwano, 1985). A ausência feminina (e/ou possivelmente de registro sobre a participação de mulheres) segue como tônica por muito tempo nessa área.

Mesmo com esses marcos anteriores, a característica informativa do rádio se fortalece somente a partir da 2ª Guerra Mundial, quando o rádio passou a ser visto como um meio essencialmente informativo (Ortriwano, 2002). A transmissão da primeira edição do Repórter Esso, em agosto de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, é uma referência nesse sentido. O programa teve padrão idealizado nos Estados Unidos e chegou a ser irradiado por emissoras de mais de uma dezena de países da América do Norte e América Latina (Zuculoto, 2012). De acordo com Flávia Bespalhok (2006), no Brasil, este foi o primeiro noticiário produzido especificamente para o rádio.

No ano seguinte, em abril de 1942, a Rádio Tupi colocou no ar o Grande Jornal Falado Tupi, outra referência relevante do radiojornalismo brasileiro (Ortriwano, 1985). Criado por Corifeu de Azevedo Marques e Armando Bertoni, é considerado o primeiro jornal de integração nacional (Ortriwano, 2002) e era transmitido com as vozes de Ribeiro Filho, Alfredo Nagib, Mota Neto, Auriphebo Simões e do próprio Corifeu (Tavares, 1999). Ambos “foram marcos importantes para que o radiojornalismo brasileiro encontrasse sua definição, os caminhos para uma linguagem própria para o meio” (Ortriwano, 1985, p. 21) e considerados “pilares de sustentação que darão origem ao radiojornalismo praticado até os nossos dias” (Ortriwano, 2002, p. 72). Os dois programas têm ainda mais uma característica em comum: a ausência de mulheres em suas transmissões.

Também não aparecem nomes femininos no que se conta sobre outras iniciativas jornalísticas no rádio brasileiro, como a Rádio Continental (RJ), que no final da década de 1950 se tornou a primeira emissora brasileira especializada em reportagens externas (Ortriwano, 2002), por exemplo. Mesmo o rádio carece de mais empenho na elaboração de seu relato histórico. Como afirma Ortriwano (2002, p. 77), “a história do rádio brasileiro continua mal

contada, resumindo-se ao Rio de Janeiro e a uma ou outra capital, sem levar em conta detalhes do restante do país”. Algo que tem proporção maior quando o recorte se refere às mulheres do meio no Brasil. “Presentes no desenvolvimento da radiofonia no Brasil desde a sua concepção, a despeito de padrões estabelecidos para excluí-las, as mulheres foram invisibilizadas pela ausência de registros históricos” (Ferro; Gomes; Zuculoto, 2024, p. 104-105).

Essa ausência segue presente nos anos posteriores, quando o jornalismo se estabelece de forma estruturada no rádio – o que só ocorre após a adaptação pela qual o meio é obrigado a passar em decorrência da concorrência com a televisão, inaugurada no Brasil em 1950. Em 1962, o radiojornalismo se torna obrigatório em todas as emissoras – mínimo de 5% do tempo de transmissão deve ser de serviço noticioso –, o que é previsto pelo Código Brasileiro de Telecomunicações (Brasil, 1962). As inovações jornalísticas que se seguiram englobam os boletins curtos da Rádio Bandeirantes (SP), na década de 1950, o programa O Pulo do Gato, apresentado de 1973 até recentemente por José Paulo de Andrade⁹, e a tradição noticiosa que foi se estabelecendo na emissora (Ortriwano, 2002). Em geral, do que se apresenta sobre a história do radiojornalismo na literatura acadêmica, essas ações se dão sem ou com poucas mulheres, principalmente nos microfones. Valci Zuculoto e Ediane Mattos (2017, p. 8) analisam que, “quando a mulher passou a fazer parte das equipes de rádio suas funções eram restritas à ‘cozinha’ da rádio, como são chamados os espaços e funções do jornalismo que, no caso do radiofônico, são as que não vão ao microfone”.

Esse cenário sofreu pouca alteração em paralelo ao desenvolvimento do meio e, principalmente, do radiojornalismo. No final dos anos 1990, as emissoras ainda constituíam o setor mais conservador da imprensa no quesito inserção de mulheres jornalistas (Ferro; Gomes; Zuculoto, 2024). Segundo Paula Melani Rocha e Jorge Pedro Sousa (2011), em 1999, o Ministério do Trabalho indicava que o percentual feminino entre jornalistas atuando em emissoras de rádio era de 28,78%. Entre 2012 e 2017, houve redução de 36% no número de mulheres trabalhando como jornalistas no rádio brasileiro, enquanto entre os homens foi de 22,9%, conforme Andressa Kikuti e Paula Melani Rocha (2021). Em pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas, elaborada pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese) com base em dados do Ministério do Trabalho referente

⁹ O jornalista e radialista José Paulo de Andrade faleceu em 17 de julho de 2020, aos 78 anos de idade, após ser diagnosticado com Covid-19. Ele atuou por 57 anos na Rádio Bandeirantes, em que esteve no ar até poucos dias antes de sua morte.

a postos de trabalho com carteira assinada em 2021 (Fenaj, 2024), é possível identificar indícios de que, na realidade atual, permanece a maioria masculina no meio, principalmente nas funções de maior status.

Os dados de profissionais de rádio e televisão foram divulgados de forma conjunta, mas ainda assim apontam a discrepância da quantidade de homens e mulheres atuando em pelo menos duas funções específicas. Apesar de serem maioria na profissão de jornalista no país, as mulheres âncoras de rádio e televisão são apenas 63 em um universo de 252 profissionais e 42 entre 245 comentaristas de rádio e televisão. A quantidade de homens e mulheres que atuavam como repórter de rádio e televisão é equiparada, com leve minoria feminina – são 1.236 mulheres entre 2.589 profissionais (Fenaj, 2024). Como explica Joan Scott (2019, p. 68), “um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção do gênero”. Ela se dá de forma sutil ou, em algumas vezes, nem tanto. No rádio e, principalmente, no radiojornalismo a segregação se estabeleceu historicamente e por muito tempo de forma permanente, seja pela ausência ou mesmo pelo memoricídio, a ocultação da presença. Assim, “os grandes produtos jornalísticos da história do rádio se construíram com total ausência de vozes femininas ou com participações figurativas e, ainda hoje, pouco se questiona a respeito” (Ferro; Gomes; Zuculoto, 2024, p. 108).

Efetivamente, no registro tradicional da radiofonia nacional, a presença de mulheres em programas jornalísticos do horário nobre do rádio brasileiro só se consolida em 2020, afirmam Tania Morales e Léslie Ferreira (2022). Segundo as autoras, foi este o ano em que “todos os programas dessa faixa passaram a contar com apresentadoras dividindo espaço com os homens nas emissoras de alcance nacional analisadas, a saber, Bandeirantes, BandNews, CBN e Jovem Pan” (Morales; Ferreira, 2022, p. 118). Mesmo com a participação feminina, o predomínio masculino no comando segue vigente, mantendo a correspondência à cultura política androcentrista que influenciou o próprio desenvolvimento do rádio. Ainda atualmente, conforme Morales e Ferreira (2022), o que os homens dizem parece ter maior peso editorial em âmbito sonoro.

Os dados indicam que a evolução da presença feminina na programação jornalística do rádio se dá, de início, a partir de contratações pontuais de mulheres, que representaram exceções no ambiente até então de domínio dos comunicadores homens. O intervalo de oito anos entre a saída de Maria Lydia Flandoli e a chegada de Rachel Sheherazade ao rádio indica que as emissoras priorizavam a voz masculina a ponto de os homens ocuparem com exclusividade o comando dos programas, sem que isso gerasse qualquer estranhamento (Morales; Ferreira, 2022, p. 118).

Há também a identificação da voz como uma referência para a escolha de quem vai atuar nos microfones no radiojornalismo. São valorizadas as vozes graves, que pretendamente imprimiram mais credibilidade à informação (Morales; Ferreira, 2022), contribuindo como argumento para a exclusão de mulheres de algumas funções. Dessa forma, por muito tempo, a voz se tornou argumento para mantê-las afastadas do radiojornalismo, ignorando-se o caráter social e cultural dos estereótipos construídos no reforço dessa perspectiva. “Os estereótipos de gênero também interferem no julgamento da voz”, avaliam Tania Morales, Sandra Madureira, Marta Silva e Léslie Ferreira (2023).

De acordo com as autoras, pesquisas indicam que as oscilações de modulação de voz, por exemplo, são mais aceitas em homens do que em mulheres e há uma avaliação negativa acentuada em relação a vozes femininas, em geral (Morales *et al.*, 2023). Trata-se de um tipo de julgamento e rejeição que está presente na relação das pessoas com o rádio, por muitos anos, e que se intensifica em determinadas situações, como o jornalismo e suas abordagens sobre política e esportes, por exemplo. É também um elemento que reforça a naturalização da ausência de mulheres na história da radiofonia e no rádio como mercado de trabalho, ainda atualmente, por meio do argumento biológico, ignorando o memoricídio instaurado, social e culturalmente, que perpassa o conhecimento e a historiografia.

4. Considerações finais

A adoção da perspectiva histórica no desenvolvimento desta pesquisa parte da compreensão, como afirma Marialva Barbosa (2015), de que o passado é processual e as ações do passado continuam durando. A análise de como elas se deram permite, assim, ressignificar o próprio presente. A partir da percepção da existência de uma escrita androcêntrica da história considerada tradicional, revê-se o passado em busca de dar visibilidade às mulheres vítimas do memoricídio, como explicado por Constância Duarte (2022). “O passado só pode ser recuperado pelos sinais que permanecem durando, isto é, a partir de rastros e vestígios. Falar dele significa caminhar do agora numa direção pretérita seguindo esses traços” (Barbosa, 2015, p. 159).

Por esses vestígios, é possível presumir como o que passou poderia ter sido, mesmo que não seja atingível recuperá-lo como ele se deu. É assim que, aqui, a partir desta breve revisão da história do rádio e do radiojornalismo no Brasil, torna-se possível identificar que há

a continuidade do apagamento das mulheres que dela fizeram parte, com o reforço do silenciamento a cada nova obra do escopo bibliográfico aqui tratado em que as questões de gênero não são evidenciadas como tal. Reforça-se, assim, a importância de nomear a ausência e mesmo aquela presença que é, na verdade, quase ausência. Conforme Costa, Barroso e Sarti (2019, p. 110), “as mulheres não estiveram totalmente ausentes dos estudos das ciências humanas, o que hoje se questiona é o tipo de tratamento que lhes foi destinado. Uma presença quase ausência”. Por isso, há a necessidade de memorializar as mulheres que fizeram a história do rádio, assumindo o desafio de trazer cada vez mais nomes e histórias à tona.

Trata-se de um trabalho a longo prazo, contínuo e constante em contraposição ao memoricídio instaurado. Reforça-se, ainda, como visto no desenvolvimento deste artigo, a importância de ampliar e insistir nas discussões sobre gênero e radiofonia no Brasil, abrindo mais espaço para discussões que considerem interseccionalidades. O primeiro passo, de inflexão, buscou-se dar aqui. Como avaliam Costa, Barroso e Sarti (2019), procedeu-se por meio da denúncia do viés, daquilo até o momento muitas vezes omitido pela produção científica: o vício do androcentrismo no conhecimento científico também da área específica enfocada neste trabalho. O próximo, em andamento, é contrapor o memoricídio, para que as mulheres não permaneçam invisíveis e assumam, na história do rádio, os lugares que nela ocuparam como atrizes sociais.

Referências

- ALCAR (Brasil). **Carta de Natal**. 2019. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-natal/>. Acesso em: 06 fev. 2025.
- ALCAR (Brasil). Carta de São Paulo. 2024. Disponível em: <https://redealcar.org/carta-de-sao-paulo/>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e Usos do Passado: aula inaugural do PPGCOM da UERJ – 6 de maio de 2015. **Logos: Comunicação & Universidade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 22, p. 154-162, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/19561>. Acesso em: 04 fev. 2025.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação, história e memória: diálogos possíveis. **MATRIZes**, 13(1), v.13, p. 13-25, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/157646>. Acesso em: 24 fev. 2025.
- BESPALHOK, Flávia Lúcia Baza. **A prática da reportagem radiofônica na emissora Continental do Rio de Janeiro**. 2006. 338 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho, Bauru-SP, 2006.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. **Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero:** os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. 2021. 291 p. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico. In: MUSSE, Christina Ferraz; MAGNOLO, Talita Souza; ZUCULOTO, Valci (Org.). **História e memória da mídia em tempos de violências, lutas e resistências.** São Paulo: Alcar, 2024. p. 210-222.

BRASIL. **Lei Nº 4.117, de 27 de agosto de 1962.** Institui o Código Brasileiro de Telecomunicações. Brasília: Diário Oficial da União, 1962.

CÂMARA, Renato Phaelante da. **Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco.** Recife: CEPE, 1994.

COSTA, Albertina de Oliveira; BARROSO, Carmen; SARTI, Cynthia. Pesquisa sobre mulher no Brasil: do limbo ao gueto? In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista brasileiro:** formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 109-134.

DUARTE, Constância Lima. Apresentação: na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Memorial do memoricídio:** escritoras brasileiras esquecidas pela história. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. p. 15-19.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da Comunicação:** Rádio e TV no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

FENAJ (Brasil). **Maioria dos jornalistas empregados formalmente são mulheres, brancos e com idade entre 30 e 39 anos.** 2024. Disponível em: <https://fenaj.org.br/maioria-dos-jornalistas-empregados-formalmente-sao-mulheres-brancos-e-com-idade-entre-30-e-39-anos/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras. **Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria-RS, v. 9, n. 18, p. 91-106, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/2441>. Acesso em: 06 fev. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 11-21, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3961>. Acesso em: 06 fev. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. O rádio antes do rádio: o Brasil como mercado para a indústria eletroeletrônica (1910-1920). **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul-RS, v. 17, n. 33, p. 145-164, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/5758>. Acesso em: 06 fev. 2025.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** o veículo, a história e a técnica. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; GOMES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Voz e gênero no radiojornalismo brasileiro: marcas históricas de exclusão de mulheres. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 03, p. 91-112, out./dez. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/7010/5509>. Acesso em: 05 fev. 2025.

FINNEY, Robert. Radio Corporation of America. In: STERLING, Christopher; KEITH, Michael (Org.). **The Museum of Broadcast Communications: Encyclopedia of Radio.** Volume 3 (O-Z). Fitzroy Dearborn, 2004. p. 1163-1165.

HALPER, Donna. **Invisible stars:** a social history of women in American Broadcasting. New York: M. E. Sharpe, 2001.

HILMES, Michele. Women in Radio. In: STERLING, Christopher; KEITH, Michael (Org.). **The Museum of**

Broadcast Communications: Encyclopedia of Radio. Volume 3 (O-Z). Fitzroy Dearborn, 2004. p. 1550-1556.

JANOWITZ, Morris. **The professional soldier:** a social and political portrait. The Free Press/Collier-Macmillan Canada, 1964.

KIKUTI, Andressa; ROCHA, Paula Melani. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018. **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.** Campinas-SP: Galoá, 2018. p. 1-17. Disponível em: <https://proceedings.science/sbpjor-2018/trabalhos/trabalho-e-identidade-dos-jornalistas-trajetorias-carrei-ras-e-perspectivas-de-a?lang=pt-br#>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MORAES, Fabiana; VEIGA, Márcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos[...]** Campinas: Galoá, 2019. p. 1-21. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 04 fev. 2025.

MORALES, Tania; FERREIRA, Léslie. Mulheres no radiojornalismo: mapeamento da presença de vozes femininas em programas jornalísticos de rádio. **Revista Alterjor**, São Paulo, Ano 13, v. 26, n. 2, p. 111-122, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/196887>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MORALES, Tania Calderaro; MADUREIRA, Sandra; SILVA, Marta de Assumpção de Andrada e; FERREIRA, Léslie Piccolotto. Impacto do gênero na percepção dos ouvintes sobre a fala de apresentadores de radiojornalismo. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 53, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/60576/42893>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral. A cruzada feminista brasileira e a cultura política em Pernambuco (1927-1932). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44481>. Acesso em: 06 fev. 2025.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 5. ed. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dez./fev. 2002-2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>. Acesso em 07 fev. 2024.

PERRROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RADIO Clube de Pernambuco: o que houve ontem. **Diário da Manhã**. Recife, Ano III, n. 691, Seção 1, p. 2. 21 jul. 1929.

RADIO Club de Pernambuco: a irradiação de amanhã, dedicada ao Jornal Pequeno. **Jornal Pequeno:** órgão independente e noticioso. Recife, Ano XXXIV, n. 124, p. 1. 02 jun. 1931.

RIEDINGER, Edward. Brazil. In: STERLING, Christopher; KEITH, Michael (org.). **The Museum of Broadcast Communications: Encyclopedia of Radio.** Volume 1 (A-E). Fitzroy Dearborn, 2004. p. 193-195.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil. **Impulso**, Piracicaba-SP, v. 21, n. 51, p. 7-18, jan./jun. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/83888776/O_Mercado_de_Trabalho_Feminino_em_Jornalismo_An%C3%A1lise_Comparativa_entre_Portugal_e_Brasil. Acesso em: 11 fev. 2025.

SCHWOCH, James John. **The United States and the global growth of radio, 1900-1930:** in Brazil and in the third world. 1985. 230 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Program on Communication and Development Studies, Northwestern University, Evanston-EUA, 1985.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SILVA, Gilvânia Cândida; NASCIMENTO, Alcicleide Cabral do. O feminismo chega à rádio: a militância sufragista de Martha de Hollanda na Rádio Clube de Pernambuco (1931-1932). **Revista Cantareira**, Niterói-RJ, n. 24, p. 127-140, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27853>. Acesso em: 06 mai. 2025.

SOUZA, Pedro de. A propósito do corpo feminino na voz: a dor que se transmuta nas cantoras do rádio. In: TORNQUIST, Carmen Susana; COELHO, Clair Castilhos; LAGO, Mara Coelho de Souza; LISBOA, Teresa Kleba (org.). **Leituras de resistência:** corpo, violência e poder. Volume 1. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009. p.137-157.

TAVARES, Reynaldo Castilho. **Histórias que o rádio não contou:** do Galena ao Digital, desvendando a Radiodifusão no Brasil e no Mundo. 2. ed. São Paulo: Editora HARBRA, 1999.

TESSER, Tereza Cristina. **De passagem pelos nossos estúdios:** a presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo, 1923-1943. Santos-SP: Editora Universitária Leopoldianum, 2009.

VAZ FILHO, Pedro Serico. Fragmentos impressos sobre a história da centenária Rádio Clube de Pernambuco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, Salvador. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, 2020. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2441-1.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; GOMES, Juliana; ZIMMERMANN, Arnaldo; FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Repórter de rádio - das transmissões esportivas de cima de galinheiros aos Comandos Continental, percursos históricos nas primeiras décadas do meio no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. **Anais do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** São Paulo: Intercom, 2022. p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0730202211384262e5427294f87.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2024.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles. As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, São Paulo. **Anais do 11º Encontro Nacional de História da Mídia.** São Paulo: Alcar, 2017. p. 1-15. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1LG8eiI7UO9A3qU7RTvC4-LzLUbzR9SSr/view>. Acesso em 11 fev. 2025.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; BUFARAH JUNIOR, Álvaro. Do rádio de antena à migração AM-FM e ao podcast – revisitando os mais de 100 anos de história do meio no Brasil. In: PICCININ, Fabiana; BARROS, Julia Leitão; CUNHA, Mágda; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Jornalismo e história da comunicação.** Aveiro: Ria Editorial, 2024, p. 14-37.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar:** a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.